

ACERVOS EM REDE:

AUTORAS DE BOAS MANEIRAS E SUAS CONSTRUÇÕES DE SI

Márcia Regina dos Santos ¹

Resumo: O presente trabalho trata das construções de si por meio da constituição de acervos pessoais, no ambiente virtual, nas páginas de rede sociais de três jornalistas e autoras brasileiras de livros de etiqueta a boas maneiras. Com objetivo de evidenciar as múltiplas temporalidades negociadas na elaboração de estratégias de perenidade das obras das autoras, foram mobilizados como fontes três perfis do facebook com intuito de vislumbrar as formas utilizadas pelas autoras – ou suas acessórias – para revigorar os temas de suas obras e fomentar a sua atualidade. Sob a perspectiva do tempo presente, a problematização foi elaborada sobre as socializações de imagens nos perfis de Claudia Matarazzo, Danuza Leão e Glória Kalil, as quais dão a ver os estratos temporais constituintes de um presente que se alterna entre projetos futuros e referenciais do passado. Na condição de mulheres/autoras adaptadas ao meio digital, uma vez que, esse processo não fez parte da formação das gerações a que pertencem, suas redes sociais se constituem em acervos pessoais alternativos, pelo caráter não material, publicizados para forjar determinada forma de ser e permanecer em sociedade, bem como, referências no tema de suas obras. A ocupação de espaço nesse suporte de divulgação, privilegiado pelo alcance e pelas facilidades de acesso e portabilidade na sociedade do século XXI, possibilita pensar sobre a tensão de passados e futuros no entendimento sobre um presente. Dessa forma, os acervos pessoais virtuais se apresentam como outros recursos no intento de guardar-se, perenizar-se e dar-se a ver na posteridade.

Palavras-chave: Temporalidades. Acervos digitais. Escritas de si.

Outro dia, numa dessas conversas sem compromisso, inventadas para fingir que não existem as duras realidades, a brincadeira era cada um de nós contar os melhores momentos que já tínhamos tido na vida. Quando chegou minha hora, disse que foram muitos, tantos que a resposta ia ser grande e foi. [...] Nenhum deles dava um livro, nem um conto de duas páginas, mas estavam guardados ou esquecidos dentro de mim; afinal, eles são minha grande riqueza. Voltei para casa e, já sozinha, recomecei a pensar nas minhas horas mais felizes. Então, me surpreendi lembrando de momentos totalmente diferentes daqueles que eu havia relatado antes. Quais seriam os mais verdadeiros?²

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC- Florianópolis- SC/BR), na Linha de Pesquisa Linguagens e Identificações. Bolsista do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação – PROMOP. E-mail: marcia0705@gmail.com

² Disponível em:

<https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966.59305.23459433337684/553543681442746/?type=3&theater> . Acesso em: 05 set. 2017.

A escrita, entre outros atributos, tem potencial de perenizar a existência humana em seus diversos contextos. Por meio de signos identificados e compartilhados, indivíduos registram suas atividades profissionais, culturais, pessoais ou afetivas. Escrever nos mais variados suportes e, principalmente, dar e ler, configura formas de estar no mundo e construir relações. A escrita registrada em uma tela de computador é constituída dos mesmos elementos gráficos que possibilitam a decodificação de signos ou imagens no papel, entretanto, tem o potencial de amplificar as significações possíveis, uma vez que, seu suporte permite o estabelecimento de diálogos, intervenções e entrecruzamentos que em impressos ou manuscritos se tornam um tanto limitados. Dessa forma, o uso de suportes digitais em rede emergiu como uma alternativa profícua no que tange à produção e profusão dos diversos usos da escrita, inclusive, a escrita de si. Narrativas pessoais, como a publicada na página do *facebook*³ de Danuza Leão, tornam-se compartilháveis, uma possibilidade de mostrar-se e construir-se em um mundo virtual e, ainda mais, reeditar-se a cada nova perspectiva sobre os eventos.

O presente trabalho trata das construções de si por meio da constituição de acervos pessoais, no ambiente virtual, nas páginas de rede sociais de três jornalistas e autoras brasileiras de livros de etiqueta a boas maneiras. Com objetivo de evidenciar as múltiplas temporalidades negociadas na elaboração de estratégias de perenidade das obras das autoras, foram mobilizados como fontes três perfis do *facebook* com intuito de vislumbrar as formas utilizadas pelas autoras – ou suas acessórias – para revigorar os temas de suas obras e fomentar a sua atualidade. Configurada a partir da História do Tempo Presente (ROUSSO, 1991,2009; HARTOG, 2013; DOSSE, 2001, 2013), sob a perspectiva de estratos do tempo, a qual “permite separar analiticamente os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados” (KOSELLECK, 2014, p. 19), a problematização foi elaborada a partir das socializações de autoimagens legendadas nas redes sociais de Claudia Matarazzo, Danuza Leão e Glória Kalil, as quais dão a ver os estratos temporais constituintes de um presente que se alterna entre projetos futuros e referenciais do passado.

³ Trata-se de uma rede social lançada no ano 2004, desenvolvida por estudantes americanos, registrada por Mark Zuckerberg. Segundo reportagem da Folha de São Paulo de 4 de outubro de 2012, o *Facebook* atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social em todo o mundo. O ambiente virtual permite a exposição intensional de seus usuários por meio de escritas e imagens e estimula interação com outros usuários a partir das funcionalidades do sistema de poder “curtir”, “reagir”, “comentar” ou “compartilhar” postagens.

A circulação de informações no ambiente virtual da *internet* tem como característica importante a velocidade e dinamicidade com que transitam as publicações nos inúmeros sistemas de dados que compõem a rede. As fontes utilizadas nesse estudo estão alocadas nas páginas do *facebook* das referidas autoras e, para efeito de estabilização e sistematização de dados empíricos para proceder a análise, foram selecionadas a partir de publicações que têm, necessariamente, a imagem das autoras, sozinhas ou acompanhadas e, as legendas pertinentes a cada uma das imagens foi considerada como parte da publicação. Para a consecução do objetivo do estudo as imagens foram abordadas como elementos elucidativos da relação temporal que circunscreve a construção de si identificada em cada uma das páginas pesquisadas e coletadas até o dia 12 de setembro de 2017.

As autoras selecionadas para este estudo entremearam suas carreiras profissionais pela produção de livros de etiqueta e boas maneiras. Para além de outras atividades escritas, como a participação de colunas em revistas e jornais, as três mulheres acompanharam o movimento tecnológico e investiram na produção de materiais para o ambiente virtual, assim como, artigos e vídeos. Dessa produção, foram problematizadas as publicações que se alocam sob a perspectiva de escritas autobiográficas, entendidas aqui a partir da perspectiva de Mignot, Bastos e Cunha (2000) na obra “Refúgios do eu”, um estudo acerca de educação, história e escrita autobiográfica. Na condição de mulheres/autoras adaptadas ao meio digital, uma vez que, esse processo não fez parte da formação das gerações a que pertencem, suas redes sociais se constituem em acervos pessoais alternativos, pelo caráter não material, publicizados para forjar determinada forma de ser e permanecer em sociedade, bem como, referências no tema de suas obras. A ocupação de espaço nesse suporte de divulgação, privilegiado pelo alcance e pelas facilidades de acesso e portabilidade na sociedade do século XXI, possibilita pensar sobre a tensão de passados e futuros no entendimento sobre um presente. Dessa forma, os acervos pessoais virtuais se apresentam, assim como os cadernos e diários pessoais, como recursos no intento de guardar-se, perenizar-se e dar-se a ver na posteridade.

As três autoras mantêm páginas no *facebook*, nas quais são veiculadas informações pessoais e profissionais. Como característica da interface desse ambiente virtual, os seus usuários podem, a qualquer tempo e quantidade, fazer publicações escritas, imagens em foto ou vídeo e, compartilhar postagens de outros usuários com ou sem legendas próprias. Essa economia das possibilidades investe o usuário de liberdades e limitações no que tange a

produção de sentidos sobre o perfil constituído em suas páginas. Isso ocorre por que, além de tecer uma rede entre as postagens, compartilhamentos e comentários com perfis de autores desconhecidos, as autoras das páginas (como serão aqui chamadas) permanecem expostas às opiniões alheias acerca das informações publicizadas e reprodução de suas publicações de forma alterada ou distorcida. Esta talvez seja a característica mais atraente de participar de uma rede social virtual: compartilhar o perfil edificado e colocá-lo à prova de forma pública. É possível que essa peculiaridade tenha atraído Leão, Matarazzo e Kalil, afinal, dessa maneira, suas vidas e obras poderiam reverberar com maior intensidade e, inclusive, dar-se a ver para leitores e leitoras que jamais as conheceriam se dependesse de adquirir seus livros ou ler suas colunas em revistas ou jornais. É uma estratégia de serem vistas para serem lembradas por meio desses espaços acessíveis, uma vez que, “a conjuntura atual testemunha uma volta do eu significante, visível pela profusão de escritos biográficos e autobiográficos” (CUNHA, 2007, p. 46). Aproximam-se dos diários no sentido de que são escritas de si que pretendem deixar uma marca de existência e, distanciam-se dos mesmos ao passo que são produzidos para serem publicizados.

Danuza Lofego Leão nasceu na cidade de Itaguaçu, no interior estado do Espírito Santo, mas, viveu desde a infância na cidade do Rio de Janeiro, local onde contituiu sua carreira de jornalista e colunista de importantes revistas de circulação nacional. Na década de 1950 trabalhou como modelo, ocupação que rendeu viagens ao exterior e o convívio com altos estratos da sociedade carioca em inúmeros episódios contados em seu livro autobiográfico intitulado “Quase tudo”, publicado em 2005. As diversas funções exercidas pela autora, como, promotora de eventos para a alta sociedade, produtora de arte, empresária do ramo da moda, entrevistadora de programa de televisão, instrumentalizaram-na para, na década de 1990, escrever sobre o tema da etiqueta e boas maneiras. A circulação entre as classes mais abastadas do país e, também no exterior, lhe constituiu como uma observadora dos comportamentos, os quais abordava constantemente na produção de suas colunas na Folha de São Paulo e no Jornal do Brasil.

A sua página no *Facebook*, criada em 2012, nomeada de “No chat com Danuza Leão”, registrava no dia 12/09/2017, às 18:30 10.116 curtidas e 10.027 seguidores⁴. Assim como as

⁴ A expressão se refere a 10.027 pessoas que visualizaram alguma das postagens da autora, após utilizar a funcionalidade “curtir” a página, optaram pela funcionalidade “seguir” para acompanhar suas postagens futuras,

equipes editoriais responsáveis pela elaboração de um livro, as páginas de pessoas públicas em redes sociais podem contar com acessores que se ocupem da função de selecionar postagens e atualizar as páginas. No entanto, algumas vezes são emitidas opiniões sobre determinados assuntos e, ainda que sejam elaboradas por acessores, em tese, devem ser condizentes com os pensamentos das autoras, ou, pelo menos, com a construção de si que querem tornar pública. A declaração de autoria da página dessa autora diz ser uma página “não oficial”, de “humor danuzeano”, entretanto, as imagens publicadas, majoritariamente, são acompanhadas de legendas ou comentários escritos na primeira pessoa do singular, não raro, contando episódios da vida da autora. A figura 1 apresenta um exemplo desse tipo de narrativa, na qual a referência é feita a uma campanha publicitária feita por Leão, enfatizando o período em que as tendências de moda estimulavam o consumo dos cigarros. Acompanhando a legenda da fotografia, há um breve relato de evento ocorrido pouco tempo antes da postagem, no qual é evidenciada a mudança comportamental da sociedade que, aos poucos desconstruiu o *glamour* de fumar e passou a desqualificar essa atitude. Assim como esse texto, há outros na página que apresentam a narrativa em termos semelhantes, nesse sentido, foram atribuídos a autora.

Figura 1: Os textos escritos em primeira pessoa do singular



Fonte: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966.59305.234594333337684/244089579054826/?type=3&theater> .

por meio da exposição das mesmas na página de atualizações do usuário que a seguiu, caracterizando interesse pelos assuntos selecionados pela autora para serem postados na sua página.



De um total de 278 imagens publicadas na página da autora, 36 apresentam imagens da juventude da autora e 22 imagens atualizadas. Não há registro de outros usuários tenham publicado imagens com ou sobre a autora⁵. Há 46 imagens de seus familiares em situações festivas ou profissionais, bem como, de seus livros, filmes, etc.. A autora destaca as produções do jornalista Samuel Wainer, com quem foi casada e, dos filhos e netos provenientes desse relacionamento. A temporalidade que emerge das postagens na página de Leão sinaliza um vínculo afetivo com o passado, o qual a autora valoriza e deseja mostrar. Ter vivido a experiência está entre as condições de narratividade dos fatos (KOSELLECK, 2014), mas, esta também pode ter vasão pela experiência do outro, como Leão faz uso das “vidas alheias” para contruir a sua narrativa de vida, como uma experiência compartilhada. Dentre as últimas oito postagens feitas no presente ano, cinco remetem ao passado da autora (Figura 2), sendo que uma foi postada duas vezes, utilizando a edição da imagem. As situações destacadas se referem a eventos sociais e ao lado de importantes personalidades do período, num esforço de reavivar uma memória que não deve ser esquecida e, é útil na significação de um presente.

Figura 2: Um passado que permanece



Fonte: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966.59305.234594333337684/1060449900752119/?type=3&theater> .

Dentre esse acervo de imagens, o percurso de vida da autora, seus trabalhos, suas convivências e espaços nos quais transitava, se sobrepõe sobre um presente pouco mostrado – 22 imagens – e um futuro projetado sobre as futuras gerações (Figura 3).

Figura 3: As netas e a projeção de futuro

⁵ Essa funcionalidade do sistema permite que a página identifique e contabilize essas interações com outras páginas e perfis.



Fonte: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966.59305.23459433337684/1060449900752119/?type=3&theater> .

A experiência de um passado vinculada ao convívio em festas de todos os tipos, da mais modesta reunião íntima às extravagantes comemorações organizadas em casas noturnas, possibilitou à autora uma projeção pessoal a qual circunscreveu sua vida profissional. Os livros escritos pela autora foram consumidos de forma considerável, como, por exemplo, “Na sala com Danuza”, conhecido por oferecer uma perspectiva menos rígida sobre a etiqueta e as boas maneiras, teve mais de trinta edições. Os eventos considerados destacáveis da vida pessoal e profissional da autora são recrutados no presente para constituir um passado. Se “o que esperamos para o futuro é delimitado de maneira diferente daquilo que experimentamos no passado” (KOSELLECK, 2014, p. 308), as publicações na página de Leão ressoam como uma resistência a um tempo que foi ultrapassado pela configuração de outras práticas, que ficou no passado, mas, que deve ser lembrado e legitimar o presente da autora. No horizonte de expectativas da autora permanece um passado laudado, acionado para não ser esquecido, bem como, para qualificar o presente vivido.

Claudia Matarazzo Mieli nasceu em São Paulo e faz parte da família de imigrantes italianos Matarazzo, a qual teve notória atuação no ramo industrial no estado. O lastro da família considerada poderosa e tradicional na sociedade paulista impulsionou a autora para atividades vinculadas ao tema da formação social. Exercendo trabalhos como jornalista, editora de revistas femininas e colunista social, Matarazzo construiu uma carreira voltada para ilustração de suas leitoras e leitores e caracterizada pela versatilidade de conectar-se aos novos suportes e transitar entre os vários tipos de mídias. Nessa esteira, percorrem os projetos no ambiente virtual que incluem um *site* oficial e cinco redes sociais nas quais a autora,

possivelmente, por meio de assessoria, interage com os mais diversos grupos sociais, uma vez que, cada uma das suas redes tem características específicas que selecionam o tipo de usuário a ser conectado. No século marcado pela hiperconexão experimentada em níveis nunca antes identificados, os ecos de discursos e construções recebem quantificação contornada por estatísticas publicizadas pelas próprias redes utilizadas para veicular modos e formas de estar no mundo⁶.

Faz-se necessário aqui alertar que o percurso temporal da carreira não está, necessariamente, caracterizado por um movimento evolutivo de aprimoramento das suas concepções acerca das boas maneiras. Assim como François Hartog ao discutir a construção da sensibilidade historiadora para a observação “de todos esses tempos folheados, imbricados, desencontrados, cada um com seu ritmo próprio” (2014, p. 37), não desejo perceber a carreira da autora sob um ponto de vista predominante ou cronológico e, tampouco, evolutivo. A perenidade das experiências de escrita de Matarazzo está marcada pelas idas e vindas de passados e presentes que negociaram, se remodelaram e se potencializaram na hipótese que Hartog chamou de “presentismo”, nesse caso expresso pela relação virtual constituída com um sem número de interlocutores, mais afeitos aos resultados estatísticos do sucesso e menos conhecedores do processo que resultou nessa prática. Os manuais de etiqueta escritos e publicados por Matarazzo continuam e circular, talvez até com maior intensidade, por meio de suas postagens tratando assuntos do agora, que se circunscreve à temporalidade do virtual marcada pelo imediatismo.

A página de Matarazzo no *facebook*, criada no ano de 2011, no dia 12/09/2017, às 18:33, registrava 24.944 curtidas e 24.636 seguidores. Em relação à Leão, é possível perceber uma maior interação com os usuários da rede social, a considerar que foi registrado o número de 252 fotos que foram publicadas por outros usuários com conteúdo relativo a autora. Uma estatística possível, no sentido de evidenciar os usuários que leram as postagens, seria quantificar os comentários escritos nas caixas de mensagens alocadas abaixo de cada postagem feita, todavia, a interlocução efetiva não compreende os objetivos desse estudo, o

⁶ No sentido de exemplificar essas proporções, no dia 31/07/2017, às 16:00, o perfil mantido em nome da autora na rede social *facebook* destacou a marca de 24.179 usuários da mesma rede que recebem as atualizações do perfil da autora por meio da opção “seguir”, a qual os caracteriza como usuários que tem algum tipo de interesse ou afinidade com as publicações no perfil da autora. Ressalto que esta é apenas uma das redes utilizadas pela autora e compreende um público que tem afinidade com as peculiaridades desta interface.

qual está concentrado sobre a forma como as autoras se dão a ver em suas páginas. Em uma possível reverberação da temporalidade do virtual marcada pelo agora, a página desta autora concentra a maior parte de suas postagens em eventos ocorridos num tempo próximo. De um total de 384 postagens, apenas uma apresenta uma imagem da juventude da autora, com a seguinte legenda: “Hoje em Santos um rápido *flash back* com a querida @ruthteixeira4⁷: aqui há 30 anos com @leaolobotv (saudadesssss) e com o sempre impecável @carlos.tramontina”⁸. Dentre o total, 141 postagens correspondem à imagens da autora em eventos ocorridos a partir do ano em que ingressou na rede social, com ênfase no seu exercício profissional de palestras e cursos voltados para o tema da etiqueta e boas maneiras. As 242 outras postagens estão divididas entre compartilhamentos de frases de efeito, dicas de etiqueta, opiniões sobre moda, comportamento, política, entre outros assuntos.

A autora Claudia Matarazzo utiliza sua página como um meio de promover os seus projetos profissionais (Figura 4) e o seu estilo de vida (Figura 5).

Figura 4: Divulgação dos trabalhos de Claudia Matarazzo



Fonte: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/768645669888773/?type=3&theater> .

Os vínculos com o passado não são mobilizados como lastro para os seus discursos, em uma perspectiva diferenciada de Leão. A construção de si é articulada a partir da exemplaridade, publicizando a autora em diversas situações triviais, aproximando-a de cotidianos comuns, nos quais seus interlocutores podem ter maiores identificações. Nos

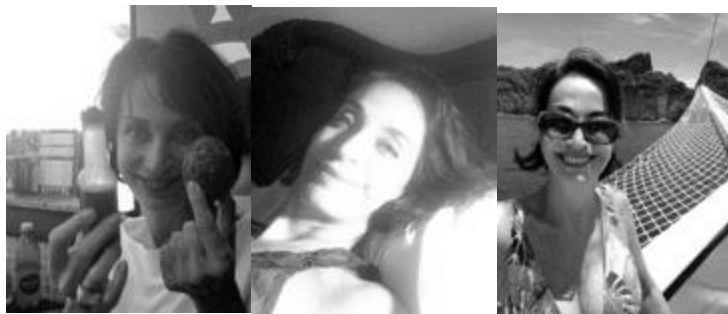
⁷ Essas formas de identificação são referentes aos signos de identificação adotados para o ambiente virtual. As pessoas referenciadas por Matarazzo na postagem são Ruth Teixeira, Leão Lobo e Carlos Tramontina, pessoas com as quais a autora executou trabalhos nas mídias escrita e televisada.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/1056030194483651/?type=3&theater> . Acesso em: 09 set. 2017.



estudos acerca de cadernos/diários escritos por mulheres, Cunha (2007, p. 48) considera que “o cotidiano, por mais banal e ordinário que seja, é positivado pelas ninharias que o compõem e deslindam variados ritos das manifestações civilizatórias que abrangem o íntimo, o privado e o público, mas também o político, o cultural, a cor e as vicissitudes de uma época”. Dessa maneira, a autora, por meio da exposição de sua imagem em situações com pouca produção e, em muitas vezes, com equipamentos que não permitem excelência na qualidade das imagens, elabora a ideia de que seu modo de vida está em sintonia com os movimentos culturais em que se inscreve e, que pode inspirar comportamentos e dar continuidade ao imaginário sobre a sua pessoa: uma mulher que tem classe em qualquer circunstância. A temporalidade de Matarazzo está circunscrita pelo presente que se projeta em um horizonte de expectativas (KOSELLECK,), o qual tem o potencial de manter a autora em evidência, valorizando seus serviços e produtos na área da formação social. Considerada como ícone de elegância e civilidade, a autora mostra por meio da sua própria imagem que é possível compartilhar de comportamentos polidos em qualquer circunstância e dá dicas de como proceder as necessárias adaptações aos diversos contextos.

Figura 5: Cotidiano de Claudia Matarazzo



Fonte: <https://www.facebook.com/clauidiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/768645669888773/?type=3&theater> .

Glória Rodrigues Meyer Kalil, nascida em São Paulo, atuou no ramo empresarial, dedicando-se, posteriormente, ao ramo de consultoria voltada para os campos do estilo, moda e comportamento. Formada em Ciências Sociais, atuou em diversos projetos ligados ao varejo, indústria e organizações institucionais por meio de consultoria, construindo um espaço profissional no qual foi notabilizada pela perspicácia no trato às imagens individuais e coletivas. Assim como Matarazzo, marcou presença em diversos tipos de mídias, estendendo-se ao ambiente virtual onde participa como colunista fixa de um dos maiores serviços para internet, relacionados a conteúdos de informações e produtos. A presença significativa na

televisão ampliou o escopo profissional e popularizou a imagem da autora vinculada à questão da etiqueta. Participante de programas em diversos horários, direcionados a variados grupos de telespectadores, Kalil tornou-se algo semelhante a um senso comum sobre a etiqueta e as boas maneiras na sociedade brasileira.

A circulação da autora em espaços públicos e privados contribuiu na elaboração de uma performance adaptável, garantindo-lhe êxito no empreendimento nos meios digitais. A sua página no *facebook*, criada em 2014, registrava no dia 12/09/2017, às 18:35, 142.093 curtidas e 141.702 seguidores. Os números inferem sobre uma interação proeminente de Kalil com outros usuários da rede em relação às duas outras autoras, considerando ainda, que houve o registro de 405 publicações de outros usuários. Outro dado relevante é de que de um total de 80 postagens, não há nenhuma com imagens da juventude da autora e, 50 apresentam imagens atuais da autora, acompanhada de outras pessoas ou contemplando espaços. As 30 outras imagens apresentam, lugares nos quais a autora esteve, ambientes com plantas, decorações, com total ausência de mensagens de humor, frases de efeito ou emissão de opiniões políticas. O espaço na rede privilegia as atividades profissionais da autora, enfatizando a remodelação das civilidades e a sua conexão com esse movimento (Figura 6). A apresentação dos assuntos à novas gerações é imbuída de um caráter de “novo” o qual revigora o tema. Sobre ser ou não uma novidade, a discussão empreendida por Koselleck (2014, p. 210-211), na qual remonta a eventos de destaque – como, por exemplo, o Iluminismo – para discutir a configuração do “tempo novo” proveniente de determinados eventos, posteriormente pondera que o “novo” de cada tempo é dotado de historicidade, portanto relativo.

Figura 6: Glória Kalil em atividade



Fonte: <https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/photos/a.329574293833806.1073741828.320829208041648/749795078478390/?type=3&theater> .

As diversas publicações das autoras evidenciam as peculiaridades das trajetórias que têm em comum a produção de escritas formadoras e a socialização de suas vivências como forma de legitimar suas obras e continuar subsidiando formação por meio de outros suportes. A questão da formação não se reporta a um todo, mas, a um grupo que cria identificação e, portanto, se distingue de outros pelo modo e pela forma. A contabilização das “curtidas” e dos “seguidores” são indiciários da forma como cada autora construiu sua identificação junto aos interlocutores ativos no meio virtual. Sobre essa relação, as estratégias de construção de si de cada uma das autoras determinou essa contabilidade, inscrita em um lógica própria de desenvolvimento. A quantidade de publicações não é proporcional a quantidade de seguidores, portanto há critérios de identificação nesse ambiente que ainda carecem de estudos. Cada autora delineou o grupo com o qual dialogava, configurado a partir das suas vivências, formações, relações profissionais. Suas páginas não foram criadas para serem, propriamente, escritas de si, entretanto, foram escritas sobre si no tempo e no espaço. Um tempo compreendido pela percepção de Koselleck (2006), o qual se produz na tensão entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, portanto um tempo histórico. Desse modo, cada autora se legitimou em seu lugar de fala, bem como, delimitou a forma como quiseram se mostrar e estabelecer diálogos. A peculiaridade de cada percurso evidenciou a quantidade de dobras sob as quais se constroem as temporalidades e o quanto é necessário aproximar-se ao máximo para perceber as sensíveis condições que estruturam as relações com passados e presentes. Essas autoras registram na rede as formas como querem ser reconhecidas e lembradas, arriscando-se no limiar entre o publicado e o compartilhado, o qual experimenta toda sorte de possibilidades de interlocução. A relação temporal vislumbrada nas páginas das autoras por este estudo é apenas uma dessas possibilidades.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, v.3, n.1, p. 45-62, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>, acesso em: 15/10/2015.

DOSSE, François. O acontecimento-monstro. In.: Dosse, François. **Renascimento do acontecimento um desafio para o historiador**: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Editora UNESP, 2013, p. 259-277.

Entrevista com o historiador Henry Rousso. (Por Sílvia Maria Fávero Arend e Fábio Macedo). **Tempo & Argumento**. Florianópolis, v.1, n.1, p.201-216, jan/jun.2009.
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/608>

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volume 2: Formação d Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

_____. **Estratos do tempo**. Estudos sobre a história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto-PUC/Rio, 2014.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

ROUSSO, Henry. **The Vichy Syndrome**: History and Memory in France since 1944. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 1991.